2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 37. QUINTA FEIRA, 22 DE MAIO DE 1851. 10.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

VII.

404 A classificação dos objectos expostos foi restrictamente observada, quanto aos productos da Grã-Bretanha, isto é, segundo as quatro maximas divisões adoptadas em junho de 1849: — 1.º Materias primas. — 2.º Machinas e invenções mechanicas. — 3.º Manufacturas. — 4.º Sculptura e artes plasticas.

Houve rasões para não obrigar as nações estrangeiras a este systema geral; e não é necessario explical-as; basta considerar que chegando os productos em épochas diversas, a classificação estaria dependente da remessa do ultimo pacote: foi esta principal consideração que moveu a commissão geral a decidir, que cada uma das nações disporia do espaço que lhe estava concedido como melhor entendesse, armazenando e collocando ahi na melhor distribuição, de accordo com os commissarios regios, os objectos que trazia á exposição.

O edificio póde considerar-se repartido em quatro grandes divisões por uma linha tirada do poente ao nascente pela avenida central; e por outra correndo do norte ao sul pelo centro do *transept* (cupula). Nestas quatro divisões ao nordeste e ao sudoeste estão os productos britannicos e das colonias, occupando todo o pavimento inferior e as galerias respectivas: ao nordeste e ao sueste ostentam-se os productos estrangeiros, incluindo uma grande porção das galerias debaixo da cupula para a banda do nascente, porque tambem desta parte ha productos britannicos. A distribuição do espaço no que poderemos denominar região estrangeira, foi restrictamente geographica, como fica dito; na destinada á Grã-Bretanha observou-se a classificação quanto foi possivel. Pertender que tudo esteja perfeitamente classificado (diz um jornal inglez) de modo que todos os exemplares de cada ramo da industria estivesse collocado n'uma só paragem, seria querer tocar o auge da perfeição: comtudo nas grandes agrupações ha uma analogia que os mais entendidos não presumiriam encontrar. Por exemplo, as machinas industriaes occupam o lado do norte do edificio e a divisão do nordeste; as machinas e instrumentos de agricultura estão no lado do sul e divisão do sudoeste. Os tecidos de uso mais commum que tomam grande espaço occupam a ultima destas divisões proxima á nave ou avenida central, tendo só um logar correspondente para os algodões na parte opposta do nordeste.

Os moveis caseiros formam outro grupo em correspondencia de cada lado da nave; as ferragens e outros objectos de metal nas suas fórmas mais uteis compõem a linha divisoria entre os instrumentos agrarios e os tecidos das fabricas, estando agrupados os ramos desta industria mais cheios de ornatos de um e de outro lado do logar da mobilia do uso da capital.

As carruagens formam um grande grupo na rectaguarda dos algodões, coiramas, pelles finas etc.; as colonias tem as suas fazendas de ambos os lados da passagem central estendendo-se até o *transept*: á roda deste ponto para o lado do sul, formam um grupo nas galerias as sedas e fazendas analogas.

Os cristaes, porcelanas e objectos analogos estão egualmente á parte no lado do norte; tapeçarias e metaes preciosos ficaram collocados junto á nave em a galeria; os productos chimicos e as substancias alimentares occupam a extrema do sul na galeria; os instrumentos physicos e mathematicos, os modelos de engenheria civil e os instrumentos musicos estão do lado occidental das galerias do norte e do sul.

A exposição remata com a numerosa serie de machinas *em movimento*. Para entender-se esta denominação cumpre recordar que a commissão regia poz á disposição dos expositores uma força mechanica consideravel, destinada a fazer funccionar as machinas que se desejasse que fossem vistas a trabalhar, para melhor se conhecer a sua applicação e utilidade. Esta força é prestada por uma bateria de caldeiras de vapôr do systema tubular, situadas fóra do edificio principal da parte do poente. Um cano de oito pollegadas e meia de diametro, correndo por baixo do soalho ao longo da parede septentrional do repartimento britannico, traz o vapôr a uma serie de machinas proprias deste motor, destinadas segundo suas forças e disposições respectivas a pôr em movimento os diversos aparelhos mechanicos expostos. Póde alli assistir o espectador á serie completa de transformações pelas

quaes passam a lã e o algodão, desde o seu estado em bruto, até ao de fio e de tecido de toda a especie.

Uma pequena parte do espaço consagrado ás machinas em movimento foi reservada á França, que alli vae mostrar em acção os interessantes mechanismos de M. Hermann para o fabrico do chocolate, e os aparelhos de força centrifuga de M. Ceril e Cie para a arêação do assucar.

Examinando-se a planta geral do edificio, vê-se que a Inglaterra e as suas colonias só á sua parte occupam metade do pavimento inferior, isto é, 338,688 pés quadrados. Deduzindo os 46,168 pés quadrados que foram dados ás Indias orientaes e ás colonias inglezas..... 46,168

E a parte concedida á França para as machinas em movimento..... 2,304

48,472

Fica no pavimento baixo para a parte da Grã-Bretanha propriamente dita..... 290,216

A que se ha de juntar o espaço que lhe foi reservado nas galerias do primeiro andar, isto é..... 134,016

O total da superficie occupada pela exposição ingleza é portanto de — pés quadrados..... 424,232

O espaço dado ás vinte nações estrangeiras que concorreram á exposição compõe-se de: —

No pavimento baixo..... 297,598
No primeiro andar..... 58,944

Pés quadrados..... 356,542

A Inglaterra reservou á França, a sua mais digna e importante rival, o maior espaço entre o concedido a todas as nações estrangeiras. Á França seguem-se os Estados-Unidos, depois vem o Zollverein ou liga allemã, a Austria, a Belgica, etc.

CHARRUA — ARAVEÇA.

405 Ao ler na REVISTA UNIVERSAL n.os 23, 28, 30, e 32 uns artigos ácerca de charruas, despertou-se-me o desejo de emittir sobre o assumpto a minha fraca, e humilde opinião. Longe, e muito longe, de mim a fatuidade de suppor-me habilitado para tractar deste, ou de outro qualquer objecto em concorrencia com os Srs. Vidal, e Auffdiener, ao contrario, conheço minhas limitadas forças, não se podem medir com as daquelles Srs., principalmente do Sr. Vidal, a quem respeito, e muito, pelos seus profundos conhecimentos scientificos; porém a pratica é a grande mestra em agricultura, e essa tenho-a eu, se não em grande, ao menos em pequena escalla, e como não seja preciso traçar aqui um artigo scientifico, nem usar dos termos technicos da mechanica, mas tão sómente notar os defeitos, e vantagens, que tenho encontrado nas duas charruas, ou araveças — de pau com aiveca movel, e de ferro com aiveca fixa, — tomo a ousadia de dizer duas palavras ácerca da conveniencia e das vantagens da nossa charrua, ou araveça, embora seja alcunhada de tosca.

É um principio em agricultura pratica, que deve procurar-se a maior somma de productos, empregando a menor despesa possivel. Posto isto, vamos examinar se a nossa charrua — attentas as más vias de communicação, vexames de contribuições, de administração, municipio, e desleixo do Governo, ou total abandono pela nossa agricultura, poderá desempenhar com vantagem os mysteres agricolas.

A nossa charrua, não montada em rodas, a que vulgarmente se chama araveça, (e o mesmo se póde dizer da charrua propriamente dita, guardadas as proporções, como judiciosamente diz o Sr. Vidal), compõe-se de um pedaço de pau de pinho, outro curvo de carvalho, ou freixo, e de tres pedaços de ferro para a folha, ou relha, séga, e fôrro da aiveca, com mais uns pregos, e cunhas, que tudo importa (comprando tudo o lavrador) em 2$400 réis de despesa; e tendo o lavrador madeira de casa, e fazendo-a por sua mão, o que é mais trivial, importa de 800 réis a 1$000 de despesa; e já se vê, que os concertos estão na mesma proporção, com uma differença attendivel, comparando-os com os da araveça de ferro de aiveca fixa, ou araveça aperfeiçoada; que o proprio lavrador concerta de prompto qualquer fractura, ou eventualidade, que lhe aconteça, e por isso uma só araveça de páu póde remediar a um pequeno lavrador, ou por outra, cada junta de bois empregada na lavoira póde remediar-se tão sómente com uma araveça. É inquestionavelmente mais leve, e por isso mais maniavel, como ainda diz o Sr. Vidal, e póde applicar-se com vantagem a toda a casta de terrenos deseguaes em sua superficie, grandes, e pequenos. Nos deseguaes, póde, tomando e leiva para as concavidades, tornar-se a superficie nivelada com as repetidas lavoiras, e nos estreitos e compridos, ou por pequenos que sejam, todos sabem praticamente o modo facil como se emprega este instrumento agrario. Sua duração é de tres a quatro annos em bom estado, isto é, sem concertos (á parte algum incidente extraordinario).

No fim do rego, e com a mudança da aiveca ha uma pequena paragem ou detenção, que serve para os animaes folgarem, e principiarem de novo o trabalho de melhor vontade, e mesmo para se revesarem, ou alterarem, quer dizer, o animal, que vinha pelo rego, vae agora pela relva; e não pareça isto de pouca monta, porque o animal, que vae pelo rego emprega quasi um terço mais de força que o outro, que anda á sua vontade.

A charrua Grangé, ou mais propriamente a araveça aperfeiçoada, de ferro, e aiveca fixa custa na fabrica do Sr. Colares em Lisboa 16$800 réis a 19$200 réis, accrescente-se a isto conducção, e ter o lavrador que comprar duas, porque o seu concerto não é tão facil (além de despendioso) que não demore dias, e casos haverá, que terá de mandar-se ao mesmo fabricante, ou a outro em egual distancia, pois estou certo, que nos districtos ruraes a não concertam. É muito mais pesada, e por isso demanda maior emprego de força, não perfunda mais o rego, e concedo, que em egual espaço de tempo lavre mais alguma terra, e que sua duração seja de 5 a 6 annos livre de concertos.

A differença do preço, e emprego da força, parece-me, que não são compensadas pelas unicas duas vantagens, que esta araveça tem sobre a nossa duração, e augmento de lavoira; e quando estivessem em equilibrio, deve accrescentar-se, que o animal que lavrar do lado da aiveca fixa, tem de andar constantemente pelo rego, e por isso ao fim de duas lavoiras deve estar arruinado, ao menos não está em proporção com o outro companheiro; além disto não é convenientemente applicada a terrenos concavos e estreitos. Produzirá mais fructo a terra sendo lavrada com a araveça de aiveca fixa? Entendo que não.

Ora, estando o solo portuguez dividido em pequenas glebas, principalmente no Minho, Tras-os-Montes, Beira, (com excepção dos campos de Coimbra á Figueira), Extremadura, (excepto o Riba-Téjo), e Algarve, e sendo a maxima parte do terreno desegual, e pantanoso em muitos locaes, aonde se não póde lavrar todo junto, e até algumas vezes com intervallo de dias, e note-se isto em terrenos pequenos — como é possivel, que o lavrador portuguez, queira, ou deva fazer um accrescimo de despeza, e não pequena, sem lucro provavel que lha compense?!

Concluo: em quanto a nossa agricultura se achar tão sobrecarregada (proporcionalmente ao interesse), e despresada, isto é, em quanto a classe do proprietario e lavrador estiver redusida á miseria em que se acha — em quanto houver estradas de papel, e navegação de barcos carunchosos, e por tal fórma, como se está fazendo no rio Doiro — a charrua, ou araveça de pau, tosca, e imperfeita como é, é preferivel (no meu fraquissimo entender) a essas preconisadas aperfeiçoadas, Grangés, Dufours, etc., as quaes nas nossas peculiares circumstancias seria mais uma causa, além já de tantas outras inevitaveis pela nossa parte, para a prompta ruina do lavrador.

Ourem 9 de Maio de 1851.

L. A.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO XXXVII.

Martyrio.

406 Quando recebeu ordem do Conde de Castello-Melhor de ir ao paço, estava a formosa Calcanhares com a cabeça reclinada sobre o hombro de Francisco d'Albuquerque, com a mão delle apertada nas suas, olhando descuidosa, ora para o Téjo, em que se reflectiam os raios de um esplendido sol, ora para os olhos do seu amante, que despediam esses raios não menos esplendidos para quem os sabe admirar, que as paixões ardentes accendem nos olhos do homem.

A idéa de deixar o seu amante, para ir ter com um homem, cuja presença era agora um martyrio para ella, de dizer mentidas ao rei as palavras que lhe saiam da boca, espontaneas e vivificadas pelo sentimento, quando fallava com Francisco de Albuquerque, o receio de fazer padecer a este as angustias do ciume, e o natural horror que o seu coração nobre e candido tinha á hypocrisia, tudo contribuia para que a ordem do Conde valido causasse uma profunda magua á pobre Margarida. Ella, que na vespara promettêra a Fr. Pedro de Sousa obedecer ainda por esta vez ás ordens do Conde, não sentiu em si, no primeiro instante, animo para cumprir a fatal promessa.

Debulhada em pranto, e escondendo a cabeça nas mãos, a infeliz exclamou:

— Não posso, não tenho força para tanto!

— Não vás, Margarida, não vás — accudiu Francisco — Para que has de tu ir ao paço? Deixa o Conde de Castello-Melhor com as suas intrigas politicas, deixa El-Rei com as suas loucuras, e vem, fujamos para longe de Lisboa.

Margarida não respondeu. Ficou chorando alguns minutos, sem fazer um gesto, sem dar um gemido. Subitamente levantou-se, enxugou as lagrimas, dizendo com voz vibrante, melodiosa, e apenas ligeiramente convulsa;

— Vou salvar a vida de um homem, Nossa Senhora terá misericordia de mim.

E sem se despedir do capitão, desceu córrendo ao pateo, onde a estava esperando uma liteira, e partiu para o paço.

A uma porta do pateo da capella, estava uma velha açafata, a qual a conduziu por intrincado labyrintho de corredores e escadas a um camarim, onde a aguardava o Conde de Castello-Melhor.

— Margarida — principiou o Conde, logo que a açafata se retirou, — eu sabia que me não havias de abandonar n'uma occasião como esta; quando eu, quando o reino mais do que nunca precisa de ti. Perdoa-me, Margarida — proseguiu elle affectuosamente — perdoa-me. Eu já sei tudo; Fr. Pedro tudo me disse. E o que elle prometteu está promettido. São estes os ultimos sacrificios que de ti exijo; salva a vida do Conde da Ericeira, salva a minha honra, salva Portugal dos perigos de uma guerra sem fim, e Deus te dará o pago da tua resignação.

A Calcanhares escutára estas palavras de pé, immovel como uma estatua, sem tocar na mão que o valido estendèra para ella, sem levantar o

véu negro, e pouco transparente que lhe caía do bioco. Quando o Conde acabou de fallar, Margarida levantou lentamente o véu, e com um gesto de sublime resignação, apenas murmurou:

— Que quer de mim?

O rosto da bella Calcanhares estava pallido e demudado, mas tinha ao mesmo tempo tal energia de expressão, ressumbrava nelle por tal fórma o poder de uma resolução inabalavel, que o Conde receou provocar alguma explosão de queixas e recriminações.

— Fr. Pedro já te explicou o que deves fazer, Margarida — proseguiu o Conde com brandura. — Confio-te a minha honra, e a sorte deste reino; porque uma e outra coisa estão dependendo talvez da resolução d'El-rei, nesta critica occasião. Se El-rei insistir em mandar matar D. Luiz de Menezes, fico eu deshonrado, e a independencia de Portugal mal segura, porque o Infante é capaz de fazer alguma loucura, de que os nossos inimigos se aproveitem. Vae, Margarida, vae á camara de Sua Magestade: elle ainda está recolhido. Vae lá, e falla-lhe em mim; traz á conversa a questão do Conde da Ericeira; dissuade-o de commetter um crime inutil e odioso. Não te faças esquiva, Margarida: captiva, agrilhôa o coração de D. Affonso, que se nos vae escapando, que se vae deixando governar pela Rainha.

— E queira Deus que o coração de Sua Magestade venha a ser todo daquella, a quem elle de direito pertence — acudiu a Calcanhares, interrompendo o Castello-Melhor.

— Que dizes? — prorompeu o Conde com a voz alterada, e um gesto de cólera. — Não sabes, não te disse Fr. Pedro, que a Rainha me quer perder, que . . .

— Sr. Conde, — interrompeu friamente Margarida — eu vou cumprir a promessa que fiz a V. Ex.ª Estou certa que V. Ex.ª não esquecerá a sua.

E, sem mais escutar o Castello-Melhor, saiu por uma porta que dava para a escada, que conduzia á ante-camara d'El-rei.

Antes de abrir a porta da ante-camara real, a Calcanhares, como ouviu fallar alto e distinguiu a voz do odeiado Henrique Henriquez, deteve-se tremula e irresoluta. O sr. Aniceto acabava naquelle instante de sair, levando o perdão assignado por Affonso VI; e o perfido general de artilheria, estava contando a seu amo, como um dos valentes da patrulha baixa espionara na vespera Luiz de Mendonça, quando este saía do paço pela portaria das damas: de modo que Margarida ouviu da propria boca de El-rei a ordem, que elle deu ao sicario e conselheiro dos seus crimes, de mandar assassinar não só o conde da Ericeira, mas tambem o amigo de Francisco de Albuquerque.

— V. M. permitte que entre — disse ella, abrindo a porta quando sentiu affastar-se da ante-camara real Henrique Henriquez.

El-rei que não esperava ser interrompido no desaffogo de pragas e imprecações, com que estava dando largas á sua cólera, voltou-se para Margarida com um tal gesto de furor que esta recuou espavorida. Cobrando, porém, animo, deu dois passos para D. Affonso, e com voz maviosissima:

— A minha presença aqui — disse — não apraz a V. M.?

A cólera de El-rei fundiu-se subitamente: a voz da Calcanhares fez extremecer aquelle coração, em que as puras idealidades do espirito não tinham influencia, mas em que dominavam poderosas as sensações. Dando alguns passos para a sua amante, D. Affonso exclamou:

— Margarida! A tua presença apraz-me agora, como sempre. Vem. — Tinha saudades tuas; fizeste bem em vir agora.

— V. M. não . . . não se esqueceu ainda de mim?

— Não, ai, não me esqueci, nem me esqueço. — E El-rei pegou na mão da Calcanhares, e, sentando-se, obrigou esta a sentar-se ao seu lado. — Margarida, minha querida Margarida, que praser tenho em ver-te aqui — proseguiu elle. — Nem sei como Henrique Henriquez me poude convencer, de que eu te não devia ir vêr, nestes primeiros tempos de casado. Tu é que já não podias passar sem mim, meu anjo da guarda; tinhas saudades, e vieste. Bem hajas tu, Margarida.

E D. Affonso deu um beijo na testa de Margarida, que se fez branca como se lhe houvessem applicado um desses horriveis tratos, que os inquisidores, mestres de crueldade e de infamia, inventaram, para deshonra da verdadeira religião.

— Senhor, Henrique Henriquez tem rasão — accudiu ella, que desejava pôr termo áquelle martirio a que se condemnára por grandeza de alma, porém para que se não sentia com forças no momento de o padecer — Henrique Henriquez, tem rasão. Eu não devo perturbar a fe-

licidade conjugal de V. M.; e por isso vim aqui para lhe pedir. . . . .

— Não me peças alguma coisa impossivel; não me peças que me separe de ti, porque t'o não faço.

— V. M. não deve, não póde condemnar-me, a mim que estou innocente, a tão incomportavel martirio! — exclamou ella.

— É um martirio estar commigo! — exclamou Affonso VI fazendo-se fúlo de cólera.

A Calcanhares, movida pelo receio da céga cólera de El-rei, pela lembrança do que promettêra a Fr. Pedro de Sousa, e sobre tudo pelo desejo de salvar a vida do amigo de Francisco de Albuquerque, accudiu logo com affabilidade, pegando na mão do real tyranno.

— É um tormento vêr quem se ama feliz com outra.

— És tu que me não amas já; que és feliz com outros amores! — prorompeu El-rei, com a mesma raiva. — Mas lembra-te, Margarida, de que eu um dia, quando soube que me traia uma mulher com quem tinha amores, mandei-lhe matar o amante, e a ella. . . . a ella fiz-lhe arrancar a pelle das costas com açoites.

Margarida sentiu que naquelle instante era necessario um supremo sacrificio, para pôr termo á perigosa colera de D. Affonso. Fazendo com os braços um colar em que prendeu a cabeça do rei, adesditosa rapariga, a quem este movimento causava horror, murmurou com uma voz que mal se ouviu:

— Affonso, meu rei, não te encolorises contra mim; a tua. . . a serva humilde de V. M. — Queria continuar, mas as palavras extinguiram-se antes de lhe chegar aos labios. Não teve força para se ouvir: porque lhe parecia uma profanação fallar de amor a outro que não fosse Francisco d'Albuquerque.

El-rei, atribuindo a melindres de amor o que era só filho de invencivel antipathia, apertou a Calcanhares ao coração, dizendo-lhe:

— Perdoa-me. Eu bem sei que tu me tens amor; que és um anjo. A colera, esta maldicta colera cega-me; faz-me perder a cabeça. É por isso que os meus inimigos dizem que eu sou doido; que me calumniam, que me desacreditam. Perdoa-me, Margarida, minha querida Margarida, não fiques mal commigo. — E El-rei, comovido com as suas proprias palavras, desatou a chorar como uma creança.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continúa.)

RECORDAÇÕES DE ITALIA.

VII.

Monumentos de Genova.

(Continuado de pag. 393)

407 Dupaty escreveu tres ou quatro linhas a proposito desta sala, que resumem a impressão que ella nos deixa, concisa e expressivamente: «O que é a naturesa quando se olha por um prisma, eis como é o salão do palacio Serra. Que espelhos! que pavimento! que columnas! quanto porphydo! quanto marmore! O nome que aqui convêm, é a magnificencia.»

A final, não ha memoria que retrate essa quantidade de quadros, que se admiram em muitos daquelles palacios. No cahos da imaginação, como nas desoladas ruinas de um terremoto, sobresahe esta ou aquella figura, e depois tudo se confunde, e quasi que se esquece.

Acontece tambem que as obras dos pintores, estão absurdamente confundidas: os grandes com os vulgares, os engenhosos com os mediocres. Na arte, não póde deixar de haver aristocracia, e pôr ao lado d'um quadro de Rubens, e d'um retrato de Wandick, d'uma madona de Guercino, ou d'uma scena mythologica de Albano, as obras de Piola, Cambiacio, Carlone, Pronacino e *tutti quanti*, parece-nos um sacrilegio.

Não houve de certo bom gosto nestas combinações caprichosas. A aristocracia concedeu facilmente a qualquer artista o direito de collocar o seu nome no *livro de oiro* dos pintores. Ora é mais facil crear um duque, do que improvisar um artista: e pôr na cabeça a corôa de doge, do que manejar o pincel dos Raphaeis e Giorginos.

O palacio Durazzo é tambem um prodigio de opulencia, e possue alguns quadros dos grandes mestres de pintura. Existem dois do mesmo nome, e na mesma rua, mas este de que fallamos na *Strada Balbi, il primo a destra*, é o que se recommenda mais aos estrangeiros.

N'uma das salas ha sete quadros de Guido Reni — um S. Pedro d'Annibal Caracchi, Maria e o Menino de André del Sarto, quadro defeituosamente retocado, o que altera o estylo do grande artista.

Na segunda sala ha um quadro de Guercino, os *Phariseos appresentando o dinheiro a Christo*, outro que se lhe attribue tambem. Admira-se uma meia figùra da Magdalena, devido ao pincel de Tiziano, mas mechida pelos *restauradores*.

N'outra sala ha tres ou quatro quadros de Wandick, o retrato de Philippe IV de Rubens, *Psiche, e o Amor dormindo* de Miguel Angelo Buonarotti, dois quadros de Ribera (Spagnoletto) e *Ceres, Baccho, e o Amor* de Tiziano.

Eis o que sinceramente eu posso dizer dos monumentos de Genova. Ouvi uma missa na Annunziata, que é uma egreja opulentissima de ornatos, e cujo tecto é todo recamado de oiro, mas nada observei de coisas d'arte, dentro deste magnifico edificio.

Havia tão bellas *madonas* vivas, de olhos negros, e mantilha branca, que escusei implorar a admiração

d'outra parte que não fosse da naturesa encantada e palpitante.

Foi uma missa artistica, e musical. Um regimento saboyardo entrou de barretina na cabeça, e banda militar na frente; ouvi trechos do *Nabucho* de Verdi, e vi que os olhos das genovezas olhavam mais os bigodes louros dos officiaes, do que a estola do padre, e o livro da missa. Peccados veniais de certo, que uma modesta *ave-Maria* rezada com contricção, resgata de certo sem a minima difficuldade religiosa.

Quero-vos fallar tambem d'um monumento que eu vi, ainda esplendido de magestade, apesar da devastadora influencia do tempo. A applaudida *prima-donna* T * * * T * * *, que em Lisboa mereceu tantas ovações enthusiasticas, e tão rasgadas demonstrações de paixão delirante e frenetica.

Que olhos aquelles — santo Deus! — e como illuminavam a sua phisionomia pallida, e já assignalada daquellas rugas indiscretas, que proclamam que já se passou a linha fatal da vida da mulher — os trinta annos!

Retirara-se do theatro, e vivia, perdôem, se talvez levanto um falso testimunho, com um certo *marchese*, que não era nem seu irmão, nem seu primo, nem seu padrasto, nem seu tio, nem mesmo seu compadre, e que por conseguinte desconfio muito que fosse... seu amante.

A palavra é tão doce, que absolve seguramente a immoralidade da idéa. O que havia de fazer *la poveretta*, com aquelles olhos scintillantes, com aquella cintura de vespa, e aquellas mãos de uma pallidez, e de uma elegancia tão seductoras?

O marquez, que pertence a uma das primeiras familias de Italia, não tinha nascido tambem para representar outro papel neste mundo. Ha homens que se crearam para *amantes*, como o cipreste para dar sombra aos tumulos, e as roseiras para enfeitar os jardins.

Eram onze horas da manhã, — e admirem os que me conhecem como eu sou madrugador durante uma viagem! — quando fômos encontrar a bella *prima-donna* em *toilette* de manhã, quebrando com a ponta dos dedos a epiderme de dois ovos quentes, e roendo melindrosamente, que não era trincar aquillo, umas fatias imperceptiveis de pão torrado.

Como nos fallou de Portugal! Como nos perguntou por tanta gente conhecida! Como indagou quem havia casado, ou quem tinha ficado solteiro!... Naquella occasião, parecia haver voltado á aprasivel e *confessavel* idade em que havia debutado nas taboas de S. Carlos.

Oh! inconstancia e decepção das coisas humanas! Os *estroinas* do seu tempo eram agora ventrudos, e graves paes de familia: os que passeavam uma cabelleira negra volumosa e superfinamente annelada á *S. Simon*, não tinham já um cabello na cabeça, ou quando muito, occultavam os estragos do tempo com o sacramental *chinó*: outros, haviam-se arruinado de fortuna, o que não é caso muito frequente: as damas, as mais voluveis, as mais caridosas, haviam-se de todo despedido dos praseres da vida, do *mundo*, do *diabo*, e da *carne*, e confessavam-se todas as semanas, e ouviam missa todos os dias. Luxo de consciencia, porque não é na quadra do arrependimento, e quando se commettem poucos peccados, que se precisa ir tão frequentes vezes ao tribunal da penitencia.

Se ella voltasse a Lisboa, e visse os seus antigos conhecimentos, repetiria mais uma vez o subido conceito das Escripturas: *Vanitas vanitatum, et omnia vanitas!*

O que me determinou a sahir de Genova, além do desejo de acompanhar os meus amigos, foi o ir a um *hotel*, e pedir a lista, e lêr em grossas letras:

Ox-tail soup.
Fish of every sort.
Rump-steak.....

.....

Nunca enjoei, na minha vida, mas naquelle momento tive todos os symptomas que dizem acompanhar esse terrivel incommodo do viajante.

A vista de um inglez, causa-me sempre tristeza. A lingua ingleza produz-me invariavelmente *spleen*.

Era tempo de deixar Genova, e de partir para Milão.

Os lords inglezes viajam mais frequentemente em Roma, e Napoles, e enterram-se invariavelmente no cemiterio do *Campo Santo de San Spirito*. Tinha esperança de não ouvir zunir esse desagradavel idioma aos ouvidos, e de não vêr muitas daquellas caras graves, e serias, engravatadas com solemnidade, e de presenciar os seus gestos, debruados da inevitavel luva branca, ou *jaune*.

Ó bella Italia, terra da liberdade, e da elegancia descuidosa, aonde as mulheres sorriem quando querem, aonde os homens fallam, andam, e cumprimentam com tanta affabilidade e franqueza, para que cahiste em graça aos inglezes, que deixam nos teus risonhos dias um rastro dos seus nevoeiros eternos, nos teus costumes alguma coisa do seu tremendo *improper*, na tua lingua alguns dos seus sons asperos e satanicos?

Até na lista de um *hotel* te encontrei, *ó fiel alliada* do meu paiz!..... E por isso, prepara-te, diligencia, que fujo do sopro inglez, e vou admirar os roseos labios, os dourados cabellos, e os olhos languidamente azues das formosas lombardas.

VIII

De Genova a Pavia.

Perdoem-me todos os que viajaram, viajam, e hão de viajar, a *diligencia* foi para mim uma sensação nova, e um martyrio que espero que me hão de levar em conta, no apuramento definitivo dos meus peccados.

Entrei ás duas horas da tarde, e sahi ás cinco horas da manhã do dia seguinte!

Estive quinze horas, quasi sem interrupção, embocetado, fechado, engaiolado dentro de um vehiculo, e não quebrei sete vidros, e não affoguei um postilhão, e não estrangulei nenhum dos meus companheiros de viagem, e não arranquei a cauda a nenhum dos tysicos rocins que nos conduziam.....

Ó prodigio não vulgar de virtude!

Esgotei todas as pragas algarvias que sabia de cór,

isso lá é verdade: acotovelei um inoffensivo velho, que devia pernoitar em Tortona, e que ressonava, como uma cobra de cascavel assobia; deitei a lingua de fóra, e fiz caretas a todas as mulheres que encontrava: cantei como um endemoninhado, e no fim dormi como os outros, pelo poderoso contagio do exemplo.

Na diligencia dorme-se: a diligencia foi feita para dormir, e quem não poder dormir, não tem remedio senão roer as unhas, fumar se lh'o consentirem, e pisar os callos aos visinhos, se o fumo os incommodar, e não lhe permittirem usar desse direito natural na civilisação moderna.

Ó diligencia, tú é que me fizeste conhecer que na vida não ha meio-termo: ou ser millionario, ou *lazzaroni*: ou poder viajar em carruagem propria, ou andar a pé, de trouxa ao hombro, *flanando* como um estudante pelas estalagens, e beliscando a face rosada de alguma cosinheira, mais affeiçoada aos sette pecados mortaes, do que aos mandamentos da Lei de Deus.

Quinze horas! E comprar em Voghera umas fatias de presunto. e beber em Novi um copo de vinho-vinagre. como é o de Italia, e ter de deitar a cabeça pelo postigo para ver as montanhas figuradas ao longe, e fumar um máo charuto, e ter a todas as *mudas* o postilhão a pedir o *pour boire*, naquelle dialecto genovez, que affirmo ter commettido mais de um adulterio com a minha eterna inimiga, a lingua ingleza!... *Corpo di Baccho*, *sangue di Christo!* valha-me o mais phrenetico *bestemiar* da lingua italiana...

Chegámos ás cinco horas da manhã a Pavia, e apenas puz pé em terra, deitei a correr para o *Hotel da Lombardia*, mesmo ao pé do theatro da cidade, mergulhei a cabeça dentro da agua, e quiz passear em quanto se nos preparava o almoço.

Mas que encantadora apparicção me demorou! D'uma elegante carruagem de viagem vi descer duas mulheres, uma de meia-idade, a outra moça, e fresca como... vá-lá uma comparação velha e relha, mas exactamente applicavel neste caso! — como um botão de rosa, que desabrocha fresco e humido n'uma manhã de Abril!

E estando defronte do castello dos Visconti, aonde ficou prisioneiro Francisco I, depois da batalha de Pavia, julguei ser castellãa perseguida por algum *condottieri*, e tomei eu as proporções de um vingador de *tuertos* e *aggravos*.

Quem ha ahi que não faça de D. Quixote milhares de vezes, nos silenciosos impulsos da sua imaginação?

Vai na realidade. As madeixas louras do seu cabello estavam amoldadas dentro das abas de um chapeo *á Stuart*, e eu em vez de capacete, agitava nas mãos um gorro vermelho turco.

Adeus poesia! Com estradas lisas, caminhos de ferro, gendarmes, e agiotas, é perder a esperança das aventuras!

E navega a gente na vida como sobre uma coberta de veludo: e sem mesmo espreitar o que fazem as damas, parte a examinar os canaes, as comportas, e a pisar o terreno, aonde se deu essa sanguinolenta batalha, que tornou captivo um rei de França.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 431).

408 Recebido pelo general aquelle aviso na madrugada de 28, logo chamou o brigadeiro Caetano José Vaz Parreiras para o governo militar interino da cidade, e a 31 já em Braga providenciava sobre a defeza da provincia. A 5 de Fevereiro seguiu para Ponte de Lima, Vianna e Caminha, encontrando por toda a parte a desordem mais deploravel, e toda a casta de estorvos á execução do decreto de 11 de Dezembro ultimo. Já então era notorio que o general inglez Moore estava morto, o hispanhol la Romana derrotado, a Corunha nas mãos dos francezes depois do embarque das tropas britannicas em 17 e 18 de janeiro, o Ferrol tomado desde 28, e que os francezes egualmente se achavam senhores de Vigo, S. Tiago, Tuy, e toda a direita do Minho. (32)

Estes successos, de ninguem ignorados, foram os que determinaram os governadores á serodia medida de nomear um general que defendesse as fronteiras do Minho. (33)

Dizemos serodia, e temos para isso carradas de rasão. Devia-se presumir que os francezes no primeiro ensejo favoravel renovariam as hostilidades contra Portugal. Os planos de *dominar o mar pela terra* formados por Napoleão, a que se dava o nome de systema continental, já então eram ao mundo bem patentes. Ao menos quanto ás Hespanhas, o tratado de Fontainebleau, (34) a entrada de Junot em Lisboa, a enorme quantidade de tropas que sem auctorisação de Carlos

(32) A dita sentença, e o Sr. Thiers. liv. 33.

(33) Em 2 de Janeiro deste anno de 1809 entrava Napoleão em Astorga, a 15 ou 20 leguas de Bragança, e rodeavam-no mais de 75:000 homens disponiveis. Thiers liv. 33.

(34) Napoleão exigiu a não publicação do tratado de Fontainebleau especialmente por não tencionar cumpri-lo: todavia o segredo logo transpirou. Já em Novembro de 1807 em Londres, se fallava desse tratado, e d'ahi foi logo immediatamente essa nova transmittida a Lisboa, Campeão Port. em Lond. Tom. 1.° p. 192, e Obs. p. 9. Além disso, Manuel Godoy costumava cada noite ir a casa da *Senora* Jozefa descançar das fadigas do dia, e confiando-lhe todos os segredos, não podia excéptuar este que tanto lisongeava a sua vaidade, como a sua ambição. Assim, as muitas personagens que por adulação para o principe da Paz frequentavam aquella casa, logo foram de tudo informados, e o mysterio cessou. Thiers livro 29.

IV, e quasi sem elle o saber, atravessava os Pyreneos, e á traição se assenhoreava das praças de Pamplona, S. Sebastião e Barcelona, bem como de algumas outras posições de importancia, e por ultimo os acontecimentos de Bayonna, já nenhuma duvida podiam deixar sobre os intentos do imperador dos francezes. Ora, aquelles planos exigiam que as aguias expulsas do Tejo a elle revoassem, e que lá se firmassem para tirar á Grã Bretanha este seu formidavel baluarte. Consequentemente homens mais perspicazes, experimentados, activos e politicos do que os da regencia, adivinhando a invasão de 1809, teriam desde o seu restabelecimento, por todos os modos possiveis, com a maior energia predisposto os elementos da resistencia: porém o estado de perfeita desorganisação em que se achava o paiz á entrada de Soult, prova-nos que os nescios, apenas restituidos ás suas cadeiras, a essas cadeiras para cuja restauração a maioria delles não despendêra sequer uma baga de suor, logo nellas se adormeceram, e sómente acordaram quando a artilharia inimiga, varejando o solo patrio, já lhes estrugia os ouvidos. (35)

Assim, ao despertarem desta indecorosa e culpavel lethargia, que meios podiam elles oppôr á medonha tormenta que ameaçava o reino? nenhuns. Enviaram dois generaes para as duas provincias da fronteira do norte, mas deram-lhes forças moral e physicamente insignificantissimas, as quaes sem a mais absurda das temeridades não se podiam pôr face a face com um dos primeiros generaes do imperio a quem obedeciam tropas mui superiores em tudo, e já avesadas ás fadigas, assim como á victoria.

Quaes fossem os quilates da sciencia militar de B. Freire não nos compete decidil-o, mas certamente alguns eram, attenta a habilidade com que em tamanho desamparo, tolheu a passagem do Minho aos batalhões que tentaram forçal-a. Todavia se não nos cabe julgal-o como capitão, nem por isso nos fallecem meios de o avaliar como cidadão, e folgamos de poder assegurar que o general merecia os fóros de cidadão honrado, activo, zeloso e intrepido, entrando na lista dos poucos nobres, que permanecendo no reino, nunca se curvaram ao jugo estrangeiro. (36) A farda de general que lhe concedêra o regente, ou sua mãe, nunca B. Freire a vestio no serviço do inimigo, e conservou-se portuguez n'uma épocha em que Portugal possuia bem poucos portuguezes. Em quanto boa porção da fidalguia, do alto sacerdocio, da magistratura, descendo do desembargo do paço até á séde do juiz de fóra, do funccionarismo de todas as graduações, e até dos mais opulentos capitalistas, se prostrava ante e bezerro de oiro, o incensava, e lhe vendia a patria, B. Freire chorava-lhe no retiro as desventuras, e espreitava o primeiro ensejo de lhe vingar as affrontas. Mas voltemos ao assumpto.

Escrevemos ha pouco que se deram a B. Freire meios em demasia mesquinhos para empreza de tanta magnitude, e escrevemos uma verdade incontestavel. O precitado aviso de 24 de Janeiro (37) mandava appresentar ao general uma brigada, que em Traz-os-Montes se formaria dos corpos que designava; um batalhão de infanteria 9, o do 21 destacado na Beira, a Leal Legião Lusitana formada recentemente no Porto sob a direcção de sir Roberto Wilson, e commandada agora pelo coronel barão d'Eben, um hanoveriano que do serviço inglez passára para o portuguez, e o parque de artilheria que no Porto devia ser preparado. Com tudo, o brigadeiro Francisco da Silveira Pinto, que por aviso de 25 de Janeiro defendia Traz-os-Montes, receiando sem duvida enfraquecer-se demasiado, nunca enviou a brigada, o batalhão do 9 e a Legião foram em Coimbra detidos pelas *inquietações do povo* até que nova ordem de Lisboa fez partir estas forças, mas da sua estulta detenção sempre resultára o não poder a Legião entrar em Braga, salvo a 23 de Fevereiro.

(35) Citado cap. tomo III pag. 396. Veem-se em Delgado o edital de 30 de Setembro, o decreto de 7 e o de 14 de Outubro, os dois de 19 e o de 21 de Novembro, em fim os de 11, 20 e 23 de Dezembro tudo de 1808. Todavia, estas medidas por si sós pouco valiam, e algumas até eram nocivas. O que espanta é que reconhecendo-se na proclamação de 9 de Dezembro que os francezes haviam em força passado os Pyreneos, sómente depois do meado de Janeiro se nomeassem generaes para as provincias ameaçadas.

(36) Foy no liv. 3.° diz que B. Freire passava por homem de execução, e no liv. 8.° accrescenta que elle e D. Miguel Pereira Forjaz eram reputados bons officiaes, sobre tudo para administrar, e que ambos se dimittiram á entrada dos francezes. O bispo D. Antonio na proclamação de 8 de Julho (Obs. pag. 455) louva o general por esta voluntaria dimissão, e B. Freire tambem allude a ella na proclamação de 30 de Junho no citado Obs. pag. 455.

(37) Não encontramos este aviso em Delg., nem no Ind. Chr. de I. P. Ribeiro, nem no B. Carneiro, e por tanto só delle sabemos o que a sentença transcreve.

O parque e o batalhão do 21 egualmente se demoraram, de geito que as verdadeiras forças do general no começo do seu governo, consistiam em 684 praças do 21 de infanteria, 600 do 6 e 18 sem os officiaes superiores, 160 de artilharia 4, com oito peças de 6, e seis de 3, um batalhão de infanteria 9, e oito regimentos de milicias quasi inermes, á excepção do de Villa de Conde. Não tinha um official de engenheiros, e se por qualquer accidente precisasse largar o commando, o seu immediato, a quem caberia luctar com o Soult, seria o mais antigo coronel de milicias.

A tão escassos e ineficazes recursos falta accrescentar outro, ao qual, melhor classificado, antes agora deveriamos chamar terrivel estorvo.

Fallamos do grande corpo das ordenanças, ou guerrilhas, turba desordenada e infrene, que supposto n'outras crises da independencia nacional fosse de grande utilidade ao paiz, e ainda no principio desta offerecesse alguns vislumbres de ordens e probidade, agora se ostentára terrivel pela soltura de muitos mais vicios do que os necessarios para logo se prognosticarem os mais calamitosos resultados.

A despeito de tão serias difficuldades, o general, redobrando-se-lhe o zelo, e a energia á proporção do perigo, collocou a sua gente o melhor que pôde, buscando defender a linha a que o rio servia de trincheira. O seu quartel general estava no centro, em Ganfei, não longe de Valença, e d'ahi frequentemente sahia a percorrer os pontos mais ameaçados. A final, advertido por uma carta interceptada que o inimigo projectava entrar no Porto a 22 de Fevereiro, preparou-se para lhe frustrar os planos.

De feito, tentando aquelle na madrugada de 16 passar o rio junto de Caminha, foi repellido com gloria do general, de um batalhão do 21, bem como da mais gente ahi postada, e Soult conhecendo, depois de apalpados em vão alguns outros logares, a imprudencia de teimar por este lado, subiu pela margem direita até Birbantes, em cuja barca passou por negligencia daquelles a quem Freire recommendára o seu alagamento; entrou então no districto de Orense, e por Monterey se encaminhou para Chaves, tendo deixado guarnição em Tuy, etc. etc.

Apenas o general do Minho percebeu que os francezes rompiam por Traz-os-Montes, visitou os portos da direita, e por Melgaço, Arcos, e Barca, regressou a Bragança em 3 de Março. Dahi tomou logo as novas medidas que a falta de reservas, falta não sabemos se desculpavel, lhe consentiam, não se esquecendo de enviar á Galliza algumas munições de guerra, com diversos officiaes capazes de estimular o patriotismo dos gallegos, que talvez lhe parecia tibio e receioso. Por este tempo tambem nomeou commandante da divisão da raia o marechal de campo José Antonio Botelho, que em 23 do antecedente se lhe appresentara.

No entretanto, Silveira, em Traz-os-Montes, auctorisado pelo aviso de 15 de Fevereiro, entrava em combinações com o general hispanhol, la Romana (38), a quem as derrotas constrangiam a buscar um ponto, no qual reunisse a sua gente dispersa; e participando isso, bem como que la Romana respondêra negativamente á intimação do Soult, para depôr as armas, a fim de se poupar sangue, requeria a B. Freire, que para se ligarem as operações das duas provincias, enviasse elle tropas a Mont'Alegre, e ordenasse uma diversão pela Galiza. A este officio, que era de 4 de Março, respondeu-se na noite de 5 para 6, declarando-se a Silveira os auxilios com que devia contar. No mesmo instante expediram-se ordens ao general Botelho, para lá na fronteira operar em harmonia com as circumstancias; ao barão d'Eben, destacado com o seu corpo na Portella do Homem, para logo entrar na Galiza, e seguir o fio das operações que se lhe dava; e ao batalhão do 9, que guarnecia Salamonde, para avançar até Mont'alegre.

Neste comenos chegou a B. Freire noticia, não official, de que tendo-se retirado o exercito hispanhol, Soult já invadia Traz-os-Montes, e que os seus piquetes escaramuçavam na Portella do Avado, e em Villarelho da Raia com o tenente coronel de 12, Francisco Homem de Magalhães Pizarro, commandante da vanguarda do exercito de Silveira, composta de 2,250 homens e quatro peças. Pouco depois recebeu um officio do commandante da 11.ª brigada de ordenanças escripta em 12, isto é, depois dos combates de Villar de Perdizes e Villarelho, e da tomada de Chaves (39) communicando-lhe os precedentes movimentos, e então considerando

(38) A sentença de B. Freire não diz o nome deste general, mas não podia ser senão o celebre marquez de la Romana, que mais tarde, commandando um ponto nas linhas de Torres-Vedras, fallecêra de molestia no Cartaxo.

(39) Vej a-se no fim a nota 5.ª

nas medidas mais idoneas para salvar o Porto, repartiu as poucas forças de que podia dispor pelos pontos de Salamonde, Ruivães, Salto e Ponte-de-Cavez, conservando sempre guarnições nos logares da raia, que sem risco se não podiam desamparar. Além disto, logo fez recolher o barão d'Eben, e determinou ao brigadeiro Antonio Marcellino da Victoria, que estava estacionado além-Douro, que occupasse Amarante, para que todos de mãos dadas trabalhassem para o fim principal dos seus esforços. Tomadas estas providencias, visitou os postos entre Braga e Ruivães, e voltando no dia 15, já a população de S. Gens assaz o insultou.

A 16, depois de encarregar ao seu ajudante-general Ayres Pinto de Sousa as resoluções que não tolerassem demora, regressou B. Freire ás alturas de Carvalho d'Este, aonde collocára alguma artilheria, as milicias de Braga, e outros contingentes, com animo de retardar os progressos do inimigo, que já havia passado Ruivães, até que daquella cidade sahissem as munições, o laboratorio, e outros objectos. Á noite, tomado já o passo de Salamonde, que quasi se não defendêra, fez accelerar a retirada da caixa militar e secretaria, determinando ao ajudante general, que, participando immediatamente o actual estado das coisas aos generaes Botelho, Parreiras e Victoria, ordenasse a marcha deste para o Porto.

A 17 o general recolheu-se a Braga, mas aqui, e por todo o transito, encontrou as paixões populares em medonha combustão, ameaçando quebrar todos os vinculos sociaes. Andava a populaça tão solta, que seria impossivel contel-a; e todavia, essa populaça na generalidade não era má. O seu coração, como em 1385, 1640, 1704, 1762, e n'outras eras em que perigára a independencia da patria, sempre se conservára portuguez, e lhe fervia nelle o mais leal e sincero patriotismo, mas patriotismo fanatico, exaggerado, e tambem, não sem algum fundamento, sombrio e desconfiado. Dizemos, *não sem algum fundamento*, porque a facilidade com que, sob a denominação de Junot, as classes superiores se identificaram com os francezes, e por vezes se tornaram instrumentos das suas tyrannias, a induzia a temer a continuação de similhante prostituição, tornava-lhe ambigua a sinceridade dos que a dirigiam, e em tudo lhe representava traições e traidores. É que os homens, por largo espaço opprimidos e affeitos a ser o ludibrio dos que governam, as victimas dos seus erros, das suas fraquezas, e não raro das suas perfidias, ao depois desconfiam delles em tudo, envenenam todos os seus actos, e muito embora a estes por todos os poros transudem a rasão e a sabedoria, tornam-se ingratos.

O falso patriotismo, os conselhos e as intrigas de alguns perversos, para quem a desordem era o pão da vida, a sanha contra os francezes a desconfiança de que fallamos, e em varios populares ainda uma boa dose das mais vis paixões, arrastando as ultimas classes a frequentes excessos, faziam-lhes ter como assaz meritorio o exterminio de todos os afrancezados. Ora, na impossibilidade de os descernir, a multidão arrojava-se frenetica sobre quantos infelizes a sua estupida cegueira lhe fazia parecer taes, e a esmo martyrisava amigos e inimigos.

E que homem em tão infausta crise persuadiria áquella gente, que a melhor maneira de preparar triumphos para Napoleão era fazer o que ella fazia, isto é, desmoralisar as tropas, desconceitnar os generaes, desobedecer-lhes, espancar e matar os seus correios, abrir e rasgar as communicações officiaes, tornar suspeitas todas as auctoridades e todos os cidadãos, prendel-os, injurial-os, barbaramente assassinal-os, e decompor todo o paiz? Quem se atreveria a fazer-lhe perceber que a nossa fraquesa provinha originariamente da imbecilidade dos governos transactos, e por mais experimentados, valerosos e patriotas que fossem os generaes, lhes era agora impossivel sanar de repente chagas mui velhas, mui profundas, e corrigir os crassos erros dos que para França enviaram esses milhões do povo, que sómente á sua defesa devêrão ser consagrados, e a collocar a sociedade portuguesa na attitude de poder um dia pugnar pelo seu ninho, como tantas vezes fizeram os nossos maiores?

Cumpre ainda ponderar que o governo de Lisboa em vez de se esforçar por apagar o incendio ateado desde os ultimos tempos de Junot, (40) lançou-lhe novo combustivel. Explicar-nos-hemos.

Ordenava o decreto de 21 de outubro de 1807 no § 2.º que toda a população do reino se dividisse em 24 brigadas de ordenanças, devendo cada uma fornecer o seu regimento de linha e dois de milicias: com tudo, os governadores em logar de aproveitarem esta idéa desenvolvendo-a,

(40) Veja-se no fim a nota 6.ª

regulando as brigadas, e collocando á testa dellas, depois de preenchidos os respectivos corpos, pessoas que podessem tirar da guerrilhada o melhor partido, recorreram a outra medida que sendo n'outras épocas mui saudavel, desta vez altamente aggravou as publicas calamidades. Alludimos ao levantamento geral, ou, fallando á moda, ao levantamento em massa, ordenado pelo decreto de 11 de dezembro de 1808 á imitação do que se fizera na Hespanha, aonde esse levantamento acabava de produzir indizivel confusão, além de crimes e desgraças sem conto; crimes e desgraças que no estado de irritação em que se achavam os animos dos portuguezes, infallivelmente se repetiriam em Portugal, se aqui não se buscasse antes açamar do que desprender o monstro da anarchia, como a prudencia aconselhava.

(Continúa.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

BELLA ACÇÃO DE CHARIDADE.

409 Temos mais de uma vez recommendado á merecida protecção das almas bemfazejas, o Asylo dos Cardaes, com tanto zelo sustentado, a favor das creanças pobres, pelo mui respeitavel padre José Isley. Hoje gostosos damos publicidade á noticia que lemos na *Revolução de Setembro*. de que Madama Monticelli remetteu a tão charidoso ecclesiastico a somma de 300 francos para ser applicada ao sustento de tão evangelica instituição, como lembrança da noite de seu recente beneficio. É para louvar que o agradecimento aos merecidos applausos que festejaram a artista, se convertesse em uma tão bella acção de charidade.

TELEGRAPHOS ELECTRICOS EM HISPANHA.

410 Foi appresentada nos primeiros dias deste mez ao governo hispanhol por D. Joaquim Miralles, representante de uma companhia ingleza que conta fundos e recursos bastantes, a proposta para o estabelecimento de linhas de telegraphos electricos segundo o mais perfeito systema que até agora se conhece, e vem a ser o de M. Brett.

A companhia propoem construir uma linha subterranea que partindo de Madrid se estenda até Cadiz, passando directamente pelas principaes cidades intermedias neste transito: outra linha desde Madrid a Irun sob as mesmas condições; e outra desde Madrid a Barcelona por Saragoça e com iguaes circumstancias. As despezas de construcção, entretenimento, conservação e serviço pessoal das linhas serão de conta da companhia, a qual tambem propoem os meios de indemnisar-se de suas despezas depois de terminadas as obras.

A vantagem que offerece o telegrapho electrico de Brett sobre todos os mais consiste em que pelo seu systema ficam estampadas no papel todas as communições em lettra de imprensa, seja qual fôr a distancia.

Pelo seu mechanismo póde um rapaz facilmente transmittir qualquer participação: ao passo que para trabalhar com o telegrapho de agulha carece-se de alguns mezes de estudo constante e de boa compleição. Appresenta notavel economia no pessoal, por quanto sendo necessarias tres pessoas para o serviço do telegrapho denominado de palhetas, basta só uma para trabalhar com o da invenção de Brett. A transmissão é tão veloz que cem communicações differentes, de quinze palavras cada uma, com a direcção e assignatura, podem transmittir-se dentro de cem minutos consecutivos. Por ultimo, offerece tambem a vantagem de que occorrendo a um trem de caminho de ferro qualquer contratempo, e necessitando o conductor de passar aviso bastaria servir-se de uma nota que vulgarmente dizemos de carteira, para noticiar o succedido, pedir auxilio ou evitar a desgraça a outro trem.

A companhia ingleza que faz a proposta pede um privilegio por quarenta annos, durante os quaes desfructará a propriedade das linhas, que findo o prazo pertencerão ao estado. Desde o dia em que começar o serviço dos telegraphos electricos abonará o governo á companhia uma somma annual de um milhão e duzentos mil reales: como garantia de que se executarão as obras, offerece a companhia depositar antes do começo das mesmas meio milhão de reales.

REGULAMENTOS DO CORREIO EM LONDRES.

411 O correio geral é situado em S. Martin o grande, na *city*, não muito longe do templo de S. Paulo. Ha quatro *branch-offices* ou repartições filiaes situadas em Old Cavendish-Street, Charing-Cross, no angulo da Strand, em Lombard-Street e em Stone's-end na margem direita do Tamisa. Existe além disso grandissimo numero de caixas que pela maior parte estão collocadas em lojas de papel ou lojas de confeiteiros: um peqneno indicador posto no bico de gaz mais visinho mostra estas localidades, tendo uma coroa e as palavras *Post-Office* escriptas por baixo.

Todas as cartas que circulam dentro de Londres e mesmo da Inglaterra devem ser franqueadas. Pagando as não franqueadas porte dobrado, acontece muitas vezes que as pessoas a que são dirigidas recusam recebel-as. È um uso com que todos a final se conformam.

Ao passo que a França tão vacillante em materias de reformas economicas, depois de haver ensaiado uma semi-reforma postal, retrocedeu; a Inglaterra proseguindo na execução de uma reforma radical realisou o beneficio de uma taxa uniforme e minima, a qual é de um *penny* (16 réis pouco mais ou menos) para toda a Grãa-Bretanha e as ilhas de Jersey e Guernesey.

Acham-se *post-stamps* (carimbos do correio) em todas as repartições do correio e lojas de papel: servem

para marcar as cartas do lado direito em cima. Ha para a França post-stamps de dez *pences*, e para a Belgica e outros paizes estrangeiros ha-os de differentes preços que se marcam uns a par dos outros até prefazer o total do porte da carta. Podem igualmente franquear-se as cartas com dinheiro, sem recorrer aos *post-stamps*, dirigindo-se a pessoa aos empregados respectivos da repartição.

Póde-se mediante um accrescimo de porte de seis pences fazer registar no correio geral ou central cartas contendo valores. Essas são inscriptas n'um registo á parte, e são entregues sómente com recibo da pessoa a que se dirigem. A tirada destas cartas precede meia hora a das outras.

Póde-se fazer circular dinheiro em Inglaterra mediante umas ordens denominadas *post-money orders*, que se dão em a maior parte de escriptorios da posta de alguma consideração; mas estes bonds não tem circulação no estrangeiro: é pois por intervenção dos banqueiros ou pela remessa directa de *bank-notes* que se póde enviar dinheiro do continente para Inglaterra e *vice-versa*. No caso de remessa de notas do banco de Inglaterra, recommenda-se cortal-as em metades e só mandar a segunda metade quando fôr accusada a recepção da primeira.

É importante não ommittir em qualquer carta dirigida a Londres a menção do *square* (praça) e do nome da rua.

Toda a carta que não leva mais indicação do que o nome da pessoa e em baixo «London», e toda a que tem sobscripto inexacto, fica no correio central, onde se affixa uma lista de todas essas cartas: para as receber basta ir vêr essa lista, e escrever a lapis a morada no correspondente espaço em branco na mesma lista.

As cartas para o interior de Londres são tiradas e distribuidas todas as horas; as que vem do estrangeiro são distribuidas a horas que é difficil determinar com antecipação. Em geral as cartas procedentes de França ou via de França, distribuem-se ás nove da manhã e duas da tarde.

As cartas para o continente deitam-se nas caixas pequenas até ás 5 ½ horas da tarde e no *General-Post-Office* e suas quatro filiaes até ás 6 horas. Passadas as seis horas, só se recebem no dito correio central mediante um augmento de porte; das sete horas e meia por diante ou não se recebem ou são expedidas no dia seguinte.

MEMORIAS DE UM HOMEM DE JUIZO.

(Continuado de pag. 419.)

412 Quando atravessei o Guadiana em 1812 em barca e guia, que se esticava no sólo de Hespanha junto ao Cartigo do Laguna. Quando me achei nessa segunda patria para nova empreza d'armas; quando entrei nesse augusto e nunca assaz louvado acampamento militar em que tremulavam as sagradas quinas com os pavilhões inglezes. Quando me vi em guarda por cavalleria, brigadas d'artilheria ligeira, e corpos de cassadores e infanteria. Quando encontrei os pavilhões morada em campanha em que descançavam os tutores dos filhos portuguezes expostos; senti-me sobre-elevar, e o meu espirito se engrandeceu!

Os senhores generaes Wellington e Beresford a quem estava confiada a sorte da familia da senhora D. Maria I, então reinante, ainda que doente; a quem foi confiado o commando dos seus criados fieis, e tão fieis que no desempenho da nossa obra nos tornámos fidelissimos.

As bençãos paternaes geram heroes! Já fallei daquella da senhora D. Maria I, agora bem direi com aquella a de minha mãe Maria de Jesus, na occasião da despedida, quando fui para a campanha; — Deos te abençoe, vae, aonde chegares, dize que és filho de gente grande. Eu bei de dizer isso, minha mãe! disse admirado. Sim, dize-o. Disse ella. Porta-te bem, vae, Deos te guie em bem, faze por seres grande.

No dia 19 de Março disse ao sargento João Antonio Pinto. Eu estou encommodado; em quanto posso mover-me quero vêr a fortificação; vamos pelos aproxes ver a praça? Ao que elle me respondeu, sim. Seriam 9 horas da manhã achamo-nos na corôa dos aproxes; disse eu, estando nós sobre a terra não cavada a corpos descobertos; grande fortificação! Aquellas terras devem ser da Cathedral; ao pronunciar Cathedral, uma balla de grosso calibre passou entre o meu peito esquerdo e o direito do sargento João Antonio Pinto. Que tal está a brincadeira? Disse eu descendo para o aproxe. Ouvi rir, e então vi ser o official de engenheiros commandante das obras do ataque. Perguntou-me era o meu commandante; disse-lhe o capitão Cox: Disse o official oh! dai-lhe muitas recommendações.

Em quanto acobertados pela estrada nos aproxes, e fora destas, ainda no esmorecimento dos alcances de artilheria da praça não cessaram as ballas de nos perseguir, cahindo-nos á direita e á esquerda, mas ultimamente á direita, porque mudei de caminho fora do trilhado.

Neste mesmo dia 19 de Março de 1812, á hora em que os soldados comiam o rancho fizeram os francezes uma sortida de cavalleria, que poz o nosso acampamento em defeza instantanea, a cuja fez retroceder a cavalleria franceza, que se retirou para a praça.

Os officiaes de artilheria que aspiram a ser bons chefes de peça, devem estudar o objecto que devem atacar para o fim da escolha do detalhe sobre os primeiros pontos e nos demais para melhor emprego dos tiros, e bom serviço das armas.

(Continúa.)

BIBLIOGRAPHIA.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA.

413 Publicou-se o n.º 12 do 1.º tomo da 2.ª serie do seu jornal.

Tambem se publicaram as Investigações agricolas-chimicas, sobre as epidemias reinantes, neste anno, especialmente as das batatas, e varias receitas de preservativos contra as sobreditas doenças, pelo Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. — Preço 100 réis.

Vende-se, bem como o jornal, na botica do Sr. Anacleto Antonio Rodrigues de Oliveira, Rua dos Retrozeiros n.º 46 — Lisboa.